

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
GRADUAÇÃO EM LETRAS FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA**

**FLÁVIO LINDOLFO BATISTA JUNIOR**

***A ESCRIVIVÊNCIA NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, E *CARTAS A UMA NEGRA*, DE FRANÇOISE EGA.***

**UBERLÂNDIA**

**2024**

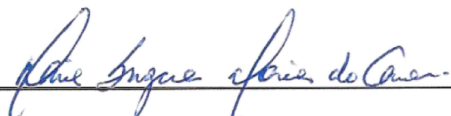
**FLÁVIO LINDOLFO BATISTA JUNIOR**

**A ESCRIVIVÊNCIA NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, E *CARTAS A UMA NEGRA*, DE FRANÇOISE EGA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo

Data da defesa oral: 24 de abril de 2024.



Prof.ª Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CAMILA SOARES LOPEZ  
Data: 06/05/2024 10:11:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Dra. Camila Soares López (UFU)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** GIOVANNI FERREIRA PITILLO  
Data: 04/05/2024 10:26:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo (UFU)

## DEDICATÓRIA

Aos silenciados.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao criador pela vida que me foi concedida, permitindo-me contemplar a beleza de sua manifestação divina que permeia todas as coisas.

A toda minha família, em especial a meus pais; a meu companheiro por acompanhar-me nesta jornada chamada vida, por acreditar em minhas escolhas e pela compreensão de minhas ausências; aos amigos que fiz na universidade, que me encorajam e torcem por meu sucesso, pretendo levá-los para a vida.

Sou grato a todos os professores que fizeram parte de minha formação, depositando sementes, regando, podando meu jardim cognitivo... Sem vocês, jardineiros, não seria possível a obtenção deste título acadêmico. Agradeço em especial à Prof<sup>a</sup>. Dra. Camila Soares López e ao Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo por aceitarem fazer parte de minha banca.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo, minha orientadora, que desde meu primeiro dia na UFU, na disciplina de Culturas Francófonas, me inspirou a ser a pessoa que gostaria de me tornar um dia; agradeço também pela orientação e colaboração no desenvolvimento de minhas ideias, bem como pela leitura atenta em meu trabalho.

À Universidade Federal de Uberlândia pela oportunidade de realizar esta graduação e a todos os servidores públicos, sem vocês não seria possível o funcionamento da instituição.

Não poderia deixar de agradecer minhas *babies* de quatro patas: Fiona e Belinha, obrigado por todo acalento nos momentos mais difíceis durante minha jornada.

Por fim, o maior agradecimento se deve a mim mesmo, por eu não ter desistido, mesmo diante das adversidades, passando várias noites acordado, enxergando nos estudos a esperança de uma vida melhor.

Sou grato a todas as conquistas e derrotas, pois foram elas que me tornaram quem sou hoje... *Amor Fati*.

*Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância – não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este[s] não serão inúteis.*

*Victor Hugo*

**A ESCREVIVÊNCIA NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, E *CARTAS A UMA NEGRA*, DE FRANÇOISE EGA.**

Flávio Lindolfo Batista Junior  
Prof. Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo

**Resumo**

Este artigo pretende analisar as obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus e *Cartas a uma negra* (1978), de Françoise Ega, destacando a importância de escritas não canônicas que, para além de uma elaboração estética, contribuem com a visibilidade de grupos marginalizados. A proposta inicial é compreender de que maneira as autoras utilizaram o exercício da escrita para incorporar, ademais de suas experiências pessoais, uma forte denúncia da desigualdade social, expondo as complexidades de viver em comunidades frequentemente excluídas e ressignificando, assim, as vivências daqueles que, historicamente, foram silenciados e deixados às margens. Uma das questões investigadas é a deslegitimação da mulher negra enquanto produtora intelectual. No entanto, nosso foco está voltado para a *escrevivência*, de Conceição Evaristo (1996), mostrando como as experiências coletivas de grupos marginalizados se inscrevem nessas obras por meio do transbordamento da escrita de si. Por fim, destacaremos a relevância do debate sobre autores que reflitam acerca das diversas realidades sociais, étnicas e culturais, sobretudo aqueles que vocalizam o grito dos que foram/são condenados ao silêncio.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Françoise Ega; *Escrevivência*; Escrita negra feminina.

**L'ÉCRIVIVANCE DANS LES ŒUVRES *LE DÉPOTOIR*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, ET *LETTRES À UNE NOIRE*, DE FRANÇOISE EGA.**

**Résumé:**

Cet article vise à analyser les œuvres *Le Dépotoir* (1960), de Carolina Maria de Jesus, et *Lettres à une noire* (1978), de Françoise Ega, en soulignant l'importance de l'écriture non canonique qui, au-delà de l'élaboration esthétique, contribue à la visibilité des groupes marginalisés. La proposition initiale est de comprendre comment les auteures ont utilisé l'exercice de l'écriture pour incorporer, en plus de leurs expériences personnelles, une forte dénonciation de l'inégalité sociale, exposant les complexités de la vie dans des communautés qui sont souvent exclues et re-signifiant ainsi les expériences de ceux qui ont été historiquement réduits au silence et laissés aux marges. L'une des questions étudiées est la délégitimation des femmes noires en tant que productrices intellectuelles. Cependant, nous nous concentrons sur l'*écrivivance*, de Conceição Evaristo (1996), en montrant comment les expériences collectives des groupes marginalisés sont inscrites dans ces œuvres par le biais du débordement de l'écriture de soi. Enfin, nous soulignerons la pertinence du débat sur les auteurs qui réfléchissent aux diverses réalités sociales, ethniques et culturelles, en particulier ceux qui font entendre le cri de ceux qui ont été/sont condamnés au silence.

**Mots-clés :** Carolina Maria de Jesus ; Françoise Ega ; *Écrivivance* ; Écriture des femmes noires.

## INTRODUÇÃO

Uma das tendências da literatura contemporânea é a busca por uma escrita que represente de forma mais autêntica padrões excludentes da sociedade. Não são poucos os autores que incorporam em seus textos um forte engajamento social, impulsionado pelo transbordamento da experiência individual para uma perspectiva mais coletiva, situação que se evidencia nas obras *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *Cartas a uma negra*, de Françoise Ega, nas quais as autoras empreendem no exercício da escrita, utilizando-a como forma de resistência às relações de dominação.

Nessas obras, podemos identificar o exercício realizado pelas autoras que, ao observar o que acontecia em suas vidas e com as pessoas de seus entornos, transformaram as experiências coletadas em matérias para a escrita, suscitando narrativas que trariam fortes traços de denúncia social; além disso, são obras recorrentemente marginalizadas devido ao lugar social e à escolaridade das escritoras. Quanto a essa questão, Candido (2004, p. 174) afirma que o fazer poético encontra-se incrustado em cada indivíduo e transcende barreiras sociais e culturais, um fenômeno inerente ao ser humano: "a criação ficcional ou poética [...] está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco". Sendo assim, acreditamos que refletir sobre a literatura segundo o entendimento de Candido seja necessário para compreendermos a potência da literatura e para que possamos, conseqüentemente, (re)pensar o perfil hegemônico de autor e a questão das produções literárias dissonantes do padrão eurocêntrico.

No que concerne o debate empreendido sobre a potencialidade dos textos literários, não podemos deixar de ressaltar a importância que estudos dessa natureza têm no ensino e aprendizagem de línguas por contribuírem para a formação de professores e alunos de forma recíproca. Sendo incorporados em aulas de língua estrangeira, tais textos fornecem aos alunos um mergulho autêntico na língua, promovendo não só o aprimoramento das habilidades linguísticas, como também um ensino intercultural.

Dentro do contexto de formação acadêmica, esta pesquisa se justifica por ter sua relevância científica fundamentada em pelo menos três instâncias: a teórica, a social e a literária. Do ponto de vista teórico e literário, o elo que aqui se apresenta entre o intertexto e a noção de *escrivência*, sustentada por Maria da Conceição Evaristo de Brito, contribui para o avanço do conhecimento na área, expandindo-o ao fornecer subsídios a pesquisas futuras; sua importância social é destacada, pois aborda temas sensíveis da história da formação de nosso

país e, particularmente, do percurso da mulher negra em meio a uma sociedade excludente, promovendo a conscientização e instigando a reflexão a respeito do papel dessa escrita feminina na literatura; por fim, trata-se de obras que não só permitem uma leitura intertextual vicejante, mas se inscrevem, ainda, na noção sustentada por Conceição Evaristo de Brito, que denota a experiência vivida como suporte da criação literária.

Além da análise textual propriamente dita, o objetivo desta pesquisa é também compreender e destacar a importância dos estudos de obras produzidas por escritoras negras de modo a contribuir com a visibilidade, ainda incipiente no mundo das letras, de grupos marginalizados. Faremos, portanto, uma análise intertextual na construção do texto de Ega, aproximando-a à obra de Jesus, e destacando o modo como ambas abordam, em suas escritas de si, as experiências coletivas de suas circunvizinhanças.

Veremos, a seguir, uma breve biografia das autoras Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega, seguida por um resumo das obras *Quarto de Despejo* e *Cartas a uma negra*. Na sequência, passaremos à uma sucinta análise da construção intertextual na obra de Ega e, por fim, discorreremos sobre a presença da *escrivivência*, conforme proposta de Conceição Evaristo, nas obras. Assim, pretendemos refletir sobre a diversidade e a representatividade na literatura negra diaspórica, reconhecendo a importância de conceder a palavra às vozes historicamente silenciadas.

### **Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega: experiências compartilhadas.**

Nascida em 1914, na cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus é de uma família cujos recursos eram extremamente escassos. Aos sete anos de idade, precisou abandonar seu sonho de estudar para trabalhar com a família em uma fazenda, chegando apenas à segunda série do ensino fundamental, o que já foi o suficiente para que despertasse nela o gosto pela leitura e pela escrita.

Carolina, após a morte de sua mãe, mudou-se para a capital paulista, onde trabalhou como empregada doméstica em algumas casas, mas ao engravidar, foi impedida de continuar exercendo a profissão, pois o preconceito relegava as mães solteiras a uma marginalização. Sem o apoio do pai de seu filho e incapaz de fazer faxinas devido às circunstâncias acima citadas, passou a morar na rua, tornando-se catadora de papel para conseguir se manter (Vogt, 1983).

Carolina chega à favela do Canindé, por meio de uma operação política que consistiu no remanejamento dos mendigos para às margens do Tietê com a finalidade de manter a cidade “limpa” dos moradores de ruas (Oliveira Sobrinho, 2013). Tal episódio é reafirmado por sua



filha Vera Eunice<sup>1</sup>, que relata as palavras de sua mãe: “Um dia, um político teve a ideia de ‘limpar’ a cidade. Um caminhão passou recolhendo todos os mendigos. Embarcamos na caçamba e, como dizia minha mãe, ‘fomos despejados’ às margens do Rio Tietê.”

Desembocando na favela do Canindé, a autora construiu seu barraco com suas próprias mãos, utilizando sobras de tábuas que ganhou de uma igreja. Viveu naquele barraco por cerca de dez anos, enfrentando, junto com seus três filhos, todas as adversidades que um ser humano poderia suportar. Durante esse período, ao sair para catar papelão, Carolina encontrou um caderno com algumas folhas em branco no lixo, o que fez com que nela reacendesse uma paixão há muito adormecida: a escrita.

Desde então, ela decidiu que seria escritora e que, por meio da publicação de seus livros, conseguiria sair daquela miséria. Carolina utilizava a arte da escrita como um meio de escapismo<sup>2</sup>, registrando em seu diário seu cotidiano e pensamentos, denunciando ainda tudo o que ocorria no interior da favela. Desse modo, o seu livro torna-se uma arma poderosa de luta contra os malefícios impostos pelo sistema dominante aos grupos vulneráveis.

Dantas (2012) explica ter descoberto a autora em 1958, durante uma das visitas que ele<sup>3</sup> realizou onde ela vivia com o objetivo fazer uma reportagem sobre a expansão da favela no bairro do Canindé. Naquela ocasião, o jornalista testemunhou uma discussão entre Carolina e alguns homens que proibiam as crianças de brincarem no playground instalado pela prefeitura. Ao presenciar a autora ameaçando incluir o incidente em seu livro quis saber acerca da obra por ela mencionada e, após a leitura do manuscrito, Audálio Dantas afirmou ter ficado perplexo com o talento literário de Carolina. Desse modo, publicou partes do livro em suas reportagens sobre a favela, ajudando, posteriormente, a autora publicar, em 1960, o livro completo.

Após a publicação, em poucas semanas, o livro tornou-se um *best-seller*, conferindo à autora sucesso até mesmo internacional. Houve uma expressiva demanda pelo livro não apenas no Brasil, mas também no exterior, uma vez que foi traduzido para treze idiomas e circulou em quarenta países após sua publicação (Vogt, *op. cit.*). Carolina Maria de Jesus foi destaque em revistas e jornais nacionais e internacionais; com os ganhos obtidos, ela conseguiu deixar a favela e adquirir uma casa de alvenaria no bairro Santana.

---

<sup>1</sup> Em uma entrevista concedida à Revista Aventuras da História. São Paulo: Caras, ano 12, ed. n. 139. Fev./2015.

<sup>2</sup> “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.” (Jesus, 2020, p. 257).

<sup>3</sup> Nascido em 8 de julho de 1929, Audálio Dantas foi um importante jornalista brasileiro. Ficou conhecido como o descobridor da escritora Carolina Maria de Jesus e ganhou notoriedade por ter sido o primeiro editor do livro *Quarto de Despejo* da mesma autora, publicado em 1960, pela editora da livraria Francisco Alves (RBA, 2018). Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/audalio-na-historia-do-jornalismo-e-dos-direitos-humanos/>>. Acesso em: 05 jan. 2024.

Embora tenha publicado outras obras como *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1965), todas custeadas pela própria autora, não obteve o mesmo sucesso e recompensa financeira da primeira obra. Na concepção de Carolina, ela tinha se tornado um produto de consumo, um objeto exótico que as pessoas a liam por curiosidade, mas quando a ‘moda’ passou, ela foi descartada, caindo no ostracismo. Falecida em 1977 e esquecida pelo mercado editorial, ressurgiu, a partir dos anos 80, por meio publicações póstumas e pesquisas acadêmicas de suas obras.

*Quarto de Despejo: diário de uma favelada* é o livro que lhe conferiu fama e a elevou a uma posição de destaque na literatura nacional, trata-se de uma compilação dos escritos diários redigidos em papéis que a autora encontrava no lixo e separava dos demais, que eram vendidos para garantir sua subsistência, uma vez que não possuía recursos para comprar cadernos e escrever. Carolina produzia a partir de seu cotidiano, apresentando de maneira crua e direta, como é viver na favela, estar sujeito à fome e à busca de alimento nos entulhos, uma realidade infelizmente enfrentada por muitos brasileiros.

A começar pelo título, a autora faz uma alusão à favela como um lugar que é destinado a descartar os elementos indesejáveis para a sociedade. Nesse ponto, pode-se destacar o olhar da autora a partir de alguns trechos de seu livro: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio<sup>4</sup>, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2020, p. 36). Do mesmo modo, em outra passagem, ela relata: “Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (Jesus, *op. cit.*, p. 137).

O livro é uma obra autobiográfica na qual a autora descreve as condições de sua vida, inserida em um contexto de extrema pobreza. Desse modo, ela busca retratar não só a precariedade em termos materiais e morais, como também psicoemocionais, decorrentes da fome, da pobreza, da sujeira, da violência, do racismo e do tratamento político recebido, e ao longo do diário deixa claro sua volição de sair dali para viver com o mínimo de dignidade possível.

Pode-se dizer que as histórias de vida das autoras Carolina Maria de Jesus e de Françoise Ega possuem certa transversalidade. No entanto, é importante ressaltar que Ega, apesar de todas as dificuldades que passou, não precisava coletar restos no lixo para se alimentar, pois gozava de um amparo proporcionado por seus pais e, anos mais tarde, por seu marido.

---

<sup>4</sup> A respeito das citações do texto caroliniano, é importante lembrar que sua escrita foge, frequentemente e por razões de formação educacional, à gramática normativa e que, em respeito ao texto original, não utilizaremos a inserção do advérbio latino *sic* para indicar incorreções.

Nascida na Martinica, em 1920, em Morne-Rouge, Françoise Ega é oriunda de uma família de ex-escravizados que desfrutava, contudo, de certo status, visto que seu pai era guarda-florestal e sua mãe trabalhava como costureira. Apesar do conforto que essa situação lhe proporcionava, Ega foi atingida por um imprevisto: a morte precoce do pai, o que fez com que toda família tivesse que se mudar para a capital martinicana em busca de recursos. Em Fort-de-France, a autora conseguiu realizar seus estudos e até obteve um Certificado de Aptidão Profissional<sup>5</sup> em datilografia.

De acordo com Siqueira e Lucena (2020), a autora deixou as terras martinicanas, por causa da segunda guerra, e mudou-se para a França. Em 1946, ela casou-se com o enfermeiro militar Frantz Julien, que também era martinicano. Nesse mesmo ano, deixou o território francês para acompanhar o marido em suas viagens a trabalho. A seu lado, Ega visitou a Costa do Marfim, o Senegal e Madagascar, mudando-se definitivamente, em 1955, para Marselha. Ao chegarem à essa cidade, fixaram residência nos subúrbios e logo Ega começou a se mobilizar para auxiliar os imigrantes a lutarem contra a miséria e o preconceito que os assolavam.

Ega era tão solícita em ajudar o próximo que logo ficou conhecida na comunidade onde morava em Marselha, auxiliando as pessoas que ali viviam sem nenhuma assistência social, principalmente seus conterrâneos trazidos para a França, e engajou-se politicamente, ajudando as pessoas a reivindicarem seus direitos. Por meio do engajamento político, Ega ajudou fundar duas associações: Amicale Générale des Travailleurs Antillais et Guyanais (AGTAG) e a Association Culturelle et Sportive Antillo-Guyanaise (ACSAG)<sup>6</sup>, sendo a primeira voltada para auxiliar os imigrantes nos procedimentos administrativos relacionados ao trabalho e aos vistos e a segunda, para incentivar a participação dos antilhanos e guianenses em eventos esportivos.

Siqueira e Lucena (*op. cit.*) apontam que Ega ajudou a criar essas associações para auxiliar os imigrantes que chegassem à metrópole, com a esperança de mudar de vida, pelo projeto chamado Bumidom - Centro para o desenvolvimento das migrações nos departamentos de Além-Mar<sup>7</sup> - por meio do qual o governo francês fomentava uma política de migração, prometendo empregos e formação profissional. No entanto, quando chegavam na França encontravam empregos mais precarizados do que os que haviam em seus países, tal como é o caso das mulheres antilhanas que eram enganadas, uma vez que, não importava a formação que possuíam, os empregos que lhe eram atribuídos eram apenas de serviços domésticos e muitas

---

<sup>5</sup> *Certificat d'Aptitude Professionnelle*, trata-se de um diploma de ensino técnico-profissional, concedido após a conclusão de um programa de formação profissional em uma área específica.

<sup>6</sup> Informações retiradas no site comitê Mam'Ega. Disponível em: <https://vivreensemble.org/du-morne-rouge-a-marseille-litinaire-de-francoise-ega-ecrivaine-et-militante-au-grand-coeur/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

<sup>7</sup> *Bureau pour le développement des migrations dans les départements d'outre-mer*.

acabavam presas em uma enorme dívida de viagem custeada pelas “madames” francesas. Ega submeteu-se à essa experiência de trabalhar como empregada doméstica, apesar de ter recursos provenientes do marido, a fim de poder identificar o que viviam suas conterrâneas.

Sou uma cobaia voluntária, reprimo o desejo de pendurar o avental na parede e começo novamente a escovar. É quando me pergunto como deve ser para as minhas irmãs que não têm para onde ir caso se rebelem, que são forçadas a ficar dia e noite na companhia dessas tais mulheres de bem porque têm uma viagem a reembolsar! (Ega, 2021, p.12)

Ega escreveu três livros: *Le temps des Madras* (1966), *Lettres à une Noire* (1978) e *L'Alizé ne soufflait plus* (2000), os dois últimos publicados postumamente. Em 1976, a autora morreu na cidade de Marselha e após sua morte foi criado um comitê em sua memória para lutar contra o analfabetismo dos imigrantes, assim como todas as formas de exclusão, principalmente, dos negros.

*Lettres à une Noire* é um romance epistolar publicado em 1978, tendo sido traduzido e publicado no Brasil pela editora Ática, em 2021. Nessa obra, Françoise Ega relata as agruras que os imigrantes passam na França, abordando temas como a exploração de mão-de-obra, a migração, o racismo, entre outros. Para isso, a autora quis viver na pele a experiência de empregar-se como doméstica, coletando material para escrever suas observações acerca das condições de trabalho dessas mulheres. É a partir dessa vivência que Françoise Ega percebe o quanto o corpo negro é hostilizado, de tal modo que precisou omitir ao seu marido alguns episódios vividos em seu trabalho a fim de evitar que ele a proibisse de trabalhar. Através desse laboratório, a autora recolhe dados importantes e faz em sua obra uma pungente crítica social aos malefícios do colonialismo e do neotráfico negreiro<sup>8</sup>, retratando os maus tratos sofridos pelos corpos negros, meros objetos submetidos incessantemente a condições de trabalhos desumanas, assim como o faz Carolina Maria de Jesus em seu Diário.

### ***Escrevivência: da escrita do eu para a vocalização da coletividade.***

---

<sup>8</sup> Fizemos uso deste neologismo para nos referirmos ao modo de exploração dos negros, cuja viagem era custeada pelos patrões franceses, que viviam sob condições de trabalho análogas à escravidão. Ega (*op.cit.*, p. 32) menciona essa passagem: “Ela disse que foi alojada no sótão. Ela me esperou na saída e me contou que, no seu emprego, toda a família estava fazendo regime. Para aquela garota rechonchuda acostumada a comer fruta-pão de dois quilos, os patrões oferecem duas alcachofras e um ovo, à noite. [...] Ao meio-dia, tem direito a um bife e quatro folhas de alface. Jeanne pegou na cintura, esticou-a e disse: “Olhe como emagreci, não tem nada para comer, tirando um pouco de pão”. Carolina, dessa vez me fiz de surda! Não estou aqui para tirar da lama todas as garotas que vou encontrando! Meus lábios murmuraram, mas na minha cabeça alguma coisa gritava: é o tráfico negreiro? É o tráfico que recomeça? Meu Deus, diga que estou exagerando!”

Carolina Maria de Jesus, indignada ao não encontrar solução para vencer o espectro da fome, escreveu em seu diário *Quarto de Despejo*, no dia 16 de maio de 1958: “Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. [...] Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro?” (Jesus, *op. cit.*, p. 37). No dia seguinte, ela lança uma pergunta aparentemente retórica: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?” (Jesus, *op. cit.*, p. 37). Mal sabia ela que, anos mais tarde, após uma reportagem à respeito de sua vida, na revista *Paris Match*, teria uma resposta para sua pergunta, que também foi escrita no mesmo mês, mas no ano de 1962.

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras (Ega, *op.cit.*, p. 5).

É possível dizer que, nesse diálogo “não tido”, Ega, após ler a reportagem sobre a trajetória de Carolina e alguns trechos de seu *best-seller*, utiliza a intertextualidade de forma explícita ao citar e retomar a pergunta, supostamente retórica, feita pela autora brasileira. De acordo com Campello (2022), Françoise Ega refere-se a Carolina Maria de Jesus ora por seu nome, ora por alguma alcunha carinhosa, fazendo com que a autora apareça 166 vezes dentro da obra *Cartas a uma negra*. Desta maneira, um conceito chave para fundamentar essa discussão se dá no que conhecemos por intertextualidade.

Julia Kristeva (1969), em conformidade com estudos de Bakhtin acerca do dialogismo, ou seja, um discurso que retoma incessantemente falas anteriores, criou a noção de intertextualidade, concentrando-se na ideia de que não existe nenhum texto de maneira isolada, mas sim uma interconexão entre vários textos.

[...] o eixo horizontal (sujeito-destinatário) e o eixo vertical (texto-contexto) coincidem para revelar um fato importante: a palavra (o texto) é uma interseção de palavras (de textos) onde se lê pelo menos outra palavra (texto). Aliás, em Bakhtin, esses dois eixos, que ele chama respectivamente de *diálogo* e *ambivalência*, não são claramente distinguidos. Mas essa falta de rigor é mais uma descoberta que Bakhtin é o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em vez da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética é lida, pelo menos, como dupla (Kristeva, 1969, p. 145-146, tradução nossa).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> No original: [...] l'axe horizontal (sujet-destinataire) et l'axe vertical (texte-contexte) coïncident pour dévoiler un fait majeur : le mot (le texte) est un croisement de mots (de textes) où on lit au moins un autre mot (texte). Chez Bakhtine d'ailleurs, ces deux axes, qu'il appelle respectivement *dialogue* et *ambivalence*, ne sont pas clairement

Ao retomar a relação dialógica de Bakhtin, Campello (*op. cit.*, p. 110) afirma que Ega ao “dialogar” com Carolina “estabelece com ela uma relação discursiva dialógica pensando no que a outra diria, responderia, em como ela reagiria”. Ainda segundo a pesquisadora, é possível ouvi-las em conjunto pois

Ega constrói um discurso fundado no dialogismo, na relação com a outra, rumo a [*sic*] alteridade, conforme Bakhtin (1997) ajuda a compreender. Prestando atenção a seus textos e despertando bem os sentidos, escutamos os cantos que reivindicam mundos em que as mulheres negras tenham lugar (p. 132).

Em vista disso, podemos dizer que a interconexão desses textos se dá a partir de um encontro entre as escritoras: na reportagem; contudo, segundo Carneiro e Machado (2021), Françoise Ega não conseguiu ler todo o livro de Carolina, pois os fragmentos ali contidos foram o único acesso à obra, o que é comprovado por Ega (*op.cit.*, p. 6-7) em seu livro:

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim.

Apesar da dificuldade de acesso à obra integral de Carolina Maria de Jesus, Ega não desistiu de tentar aproximar-se da autora brasileira, pois sabia que mesmo não habitando o mesmo país ou não falando a mesma língua, o que as aproximava era a resiliência, a luta que tinham em comum para tentar viver com dignidade em um mundo cheio de agruras. “Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus” (Ega, *op. cit.*, p. 7). É importante acrescentar que, como observa Campello (*op. cit.*), mesmo que houvesse algum questionamento a respeito da identidade da interlocutora de Ega, não poderia haver nenhuma dúvida após a citação do nome completo da autora brasileira, a quem a martinicana destinava suas cartas.

A teoria relativa à intertextualidade, elaborada por Julia Kristeva, estimulou posteriormente outros pesquisadores, levando-os a se debruçarem sobre a questão na tentativa

---

distingués. Mais ce manque de rigueur est plutôt une découverte que Bakhtine est le premier à introduire dans la théorie littéraire : tout texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d'un autre texte. À la place de la notion d'intersubjectivité s'installe celle d'*intertextualité*, et le langage poétique se lit, au moins, comme *double* (Kristeva, 1969, p. 145-146).

de ampliá-la. Segundo Barthes, nenhum texto pode ser interpretado fora das relações com os demais, pois tanto o leitor quanto o texto estão imersos em uma teia intertextual de conexões.

*Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até agora sempre se tomou este tecido por um produto, um véu finalizado, atrás do qual se encontra, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), agora acentuamos, no tecido, a ideia generativa de que o texto é feito, trabalhado através de uma trama perpétua; perdido nesse tecido - essa textura - o sujeito nele se desfaz, como uma aranha que se dissolveria nas secreções construtivas da sua teia. Se gostássemos de neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma *hifologia* (*hyphos*, é o tecido e a teia de aranha) (Barthes, 1973, p. 85-86, tradução nossa).<sup>10</sup>*

Acerca das conexões (inter)textuais, a autora antilhana inicia seu livro afirmando que tudo o que Carolina escreveu ela supõe conhecer e, ao término de sua escrita deduz que a autora brasileira, mesmo que não a leia, conhece todas as lutas pelas quais passam as pessoas desprovidas de amparo.

Carolina, não há mais nada que eu lhe diga que você já não saiba. Os dias serão semelhantes uns aos outros, os anos uns aos outros, já as madames serão sempre as mesmas, anônimas e tristes. O gado humano que vem da minha terra será distribuído ao acaso por todos os cantos da França. Ninguém vai perceber, vai se tornar algo natural. [...] Tem todos os portos da França, que recebem aqueles que vêm como abelhas pousar sobre a flor medonha da servidão (Ega, *op. cit.*, p. 229-230).

Por mais que não tenha tido a troca efetiva de cartas com Carolina, Ega incorpora a obra da autora brasileira em sua escrita. Oliveira e Almeida (2022) afirmam que a autora antilhana estava ciente de que não receberia respostas de Carolina, uma vez que não falavam a mesma língua, tampouco habitavam o mesmo país, entretanto não para de escrever cartas à ela endereçadas, já Campello (*op. cit.*, p. 108) assegura que Carolina torna-se para Ega uma espécie de ‘alter-ego’ que a escritora utiliza como fonte de inspiração e diálogo para seu monólogo interior “quase como se ela fosse uma presença espectral (de uma pessoa viva, entretanto) com a qual a destinatária se identifica intimamente e dialoga.”

Como vimos, a construção do texto de Ega é fundada na intertextualidade, em um movimento no qual a escritora cria seu texto a partir de conexões estabelecidas com fragmentos da obra da autora brasileira. Sendo seu livro construído a partir de referências anteriores, a

---

<sup>10</sup> No original: *Texte veut dire Tissu* ; mais alors que jusqu'ici on a toujours pris ce tissu pour un produit, un voile tout fait, derrière lequel se tient, plus ou moins caché, le sens (la vérité), nous accentuons maintenant, dans le tissu, l'idée générative que le texte se fait, se travaille à travers un entrelacs perpétuel ; perdu dans ce tissu - cette texture - le sujet s'y défait, telle une araignée qui se dissoudrait elle-même dans les sécrétions constructives de sa toile. Si nous aimions les néo-logismes, nous pourrions définir la théorie du texte comme une *hyphologie* (*hyphos*, c'est le tissu et la toile d'araignée) (Barthes, 1973, p. 85-86).

correspondência não apenas evidencia o intertexto, em sua origem bakhtiniana, ou seja, como “absorção e transformação de outro texto” (Kristeva, *op. cit.*, p.146), mas convoca ainda os leitores a participarem do diálogo entre o texto produzido e suas possíveis interfaces; conforme apontado por Campello (*op. cit.*, p. 109), “as Cartas são também diário, mas se reatualizam em cartas quando lidas, afinal a destinatária ausente se edifica, em última instância, a cada nova leitura incorporada pelos leitores das Cartas publicadas.”.

Deste modo, ao contrastar as vidas e as obras das autoras que selecionamos nesta análise, podemos dizer que há uma interseccionalidade de suas experiências que se inscrevem em seus textos, permitindo-nos propor a realização de uma leitura dessas obras sob a perspectiva da *escrevivência*. No entanto, é preciso dizer que, embora possa parecer anacrônico, do ponto de vista historiográfico, estabelecer esse parâmetro de leitura e análise, posto que esse termo seria cunhado alguns anos mais tarde por Conceição Evaristo, é possível aplicá-lo a tais obras, uma vez que a noção de *escrevivência* envolve diretamente a experiência da mulher preta escritora em seu fazer literário. Também aqui recorreremos ao estudo de Campello (*op. cit.*, p. 157):

Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega, conseguiram abrir alguns espaços de publicação possíveis. *De maneira que hoje suas obras podem ser revisitadas e/ou (re)publicadas a partir de abordagens contemporâneas* preocupadas, não apenas com a circulação dessas obras, mas com a maneira como o campo as trataram, questionando os usos estéticos e políticos dessas escolhas, a fim de atentar para outras formas e conteúdos literários amplificadores do fazer e do fruir artístico (grifo nosso).

Essa colocação da pesquisadora ratifica, a nosso ver, a viabilidade de utilização da noção de *escrevivência* em nossa análise, entretanto, é preciso retomarmos algumas discussões, ainda que sucintamente, no que concerne à escrita de si<sup>11</sup>, empreendida por Lejeune (1975), com o intuito de compreendermos como se dá o transbordamento da escrita em primeira pessoa para a vocalização da coletividade nas obras *Quarto de despejo* e *Cartas a uma negra*.

À respeito da questão autobiográfica, Lejeune (1975, p. 14, tradução nossa) a define como uma "Narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência quando enfatiza sua vida individual, especialmente a história de sua personalidade"<sup>12</sup>. Do mesmo modo, o autor ressalta que para que um escrito assim o seja considerado, é necessário que tenha uma relação de identidade, manifestada pelo uso da primeira pessoa, entre autor,

<sup>11</sup> Nosso intuito não é fazer um estudo aprofundado sobre a escrita de si, pois este caminho já foi trilhado por Campello (2022), mas apenas o suficiente para guiar o leitor em nossa análise.

<sup>12</sup> No original: «Récit rétrospectif en prose, qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité.»



narrador e personagem, donde surgiria a noção de pacto autobiográfico, uma espécie de contrato firmado entre autor e leitor, no qual o autor se compromete a escrever sobre sua vida e o leitor aceita o que está escrito como uma verdade.

Nessa concepção, pode-se dizer que as obras de Jesus e de Ega são autobiográficas, uma vez que o autor e o narrador coincidem com a personagem. Por esse motivo, é estabelecido o pacto descrito por Lejeune, fato também asseverado por Campello (*op. cit.*) que, além de afirmar que as obras fazem parte deste pacto, as classifica como ‘narrativas em trânsito’, posto que não poderiam ser categorizadas apenas como autobiográficas, pois apresentam características de outros gêneros e não apenas da escrita de si, tais como “as memórias, os diários, as cartas e o ensaio memorialístico” (p. 93).

Desse modo, uma questão que se imporia neste ponto seria avaliar a possibilidade de analisar as obras autobiográficas *Quarto de despejo* e *Cartas a uma negra* sob a perspectiva de um desdobramento da escrita de si para uma escrita que contempla as pessoas que circundam essas autoras. Com base no que dispõe Gasparini (2011, p. 11, tradução nossa) "a escrita do eu não se reduz à introspecção. Ela também pode se voltar para os outros, para fazer sua apologia, julgá-los ou simplesmente retratá-los, mas, na maioria das vezes, em uma perspectiva axiológica"<sup>13</sup>. Na mesma direção, Doubrovsky (2013, n.p., tradução nossa) declara que: "Escrever sobre si mesmo é inevitavelmente escrever também sobre os outros. É esse o problema. Contar, mesmo que sejam fragmentos de sua própria vida, também narra a vida dos outros"<sup>14</sup>. Como visto, ambos os autores salientam que obras autobiográficas extrapolam as fronteiras da escrita de si, afirmando que o autor que escreve sobre si explora, inevitavelmente, a relação do sujeito com o mundo ao utilizar suas vivências para descrever o que acontece em seu entorno. Acreditam, também que, por sermos moldados, desde que nascemos, por meio das relações que estabelecemos, a escrita de si está intrinsecamente relacionada à escrita do outro. Do mesmo modo, Campello (*op. cit.*) ao discorrer sobre escrita memorialística, afirma que ao escrever sobre suas memórias, o escritor invoca sua relação com os outros: “O lembrar da pessoa depende, nessa via de interpretação, do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a vizinhança, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio [...]” (p. 112).

---

<sup>13</sup> No original: «... l’écriture du moi ne se réduit pas à l’introspection. Elle peut aussi se tourner vers les autres, pour faire leur apologie, leur procès, ou simplement leur portrait, mais, la plupart du temps, dans une perspective axiologique.»

<sup>14</sup> No original: «Ecrire sur soi, c’est inévitablement écrire aussi sur les autres. C’est tout le problème. Raconter, fût-ce des fragments de sa propre vie, raconte aussi la vie d’autrui.»

Em sua tese de doutorado, a referida pesquisadora considera que as autoras, além de escreverem sobre suas vidas, fazem observações de seus cotidianos incorporando-as em suas escritas. Além disso, a pesquisadora afirma que as escritoras produzem textos parecidos com diários de campo:

[...] as narrativas diarísticas de Ega e Jesus incluem a observação de questões sociais emergidas da análise do cotidiano, de modo que elas criam também textos assemelhados a diários de campo, afinal elas analisam criticamente o seu entorno, a vizinhança, as dinâmicas das periferias e do centro, do interior das casas burguesas ou do lado de fora da rua. As autoras-narradoras se colocam no espelho, apontando-o igualmente para outras personagens que transitam pelos espaços urbanos por onde elas se movem, tornando-se objetos de suas reflexões (p. 102).

Embora Campello empregue a expressão ‘diário de campo’, mais adequada à perspectiva de sua tese, para nomear a observação do externo, realizado pelas escritoras, em nossa pesquisa, optamos pelo emprego de outra nomenclatura. Por considerarmos que nosso *corpus* envolve a incorporação das relações sociais em uma escrita, em princípio, de si, e traz necessariamente em seu bojo, e a partir de um determinado olhar, a vivência de terceiros que moldam a experiência pessoal, entendemos ser mais apropriado a utilização da noção proposta por Conceição Evaristo<sup>15</sup>: a *escrevivência*.

Nos últimos anos, a *escrevivência* tem ganhado espaço significativo nas pesquisas acadêmicas. O termo foi cunhado por Conceição Evaristo, em 1996, em sua dissertação de mestrado, especificamente, no terceiro capítulo intitulado “*Escrever Inscree-Vi-Vendo-se pela memória da pele*”, no qual a autora, ao brincar com as palavras escrever, viver, se ver, chega ao que conhecemos por *escrevivência*. De acordo com Brito (1996), a libertação do corpo negro se dará por meio do fazer poético, no qual o autor busca inserir em seus textos outras lembranças, além das cicatrizes deixadas pelos açoites. Desta maneira, é por meio da literatura que esse corpo procura reconquistar uma identidade que foi perdida e fragmentada, possibilitando sua ressignificação, por meio da memória, tornando-se o narrador de sua própria história.

Escrever inscree-Vi-Vendo-se pela memória da pele se faz cantando o corpo negro na afirmação de uma identidade étnica. Pela memória da pele, escreve-se, inscree-Vi-Vendo-se um corpo-sujeito que busca o seu próprio pertencimento, que se observa como dono de si próprio (Brito, *op. cit.*, p. 89).

---

<sup>15</sup> Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte, em 1946, é uma renomada escritora. Considerada uma das grandes vozes por contribuir para a promoção da representatividade negra, sobretudo feminina, na literatura contemporânea.

A partir do momento em que o corpo negro se torna dono de si, lhe é dada a possibilidade de contar sua história tal como ela é. No que concerne à *escrevivência*, Oliveira (2009) afirma que ela é formada por uma tríade composta pelo corpo, pela condição e pela experiência. O primeiro elemento refere-se à forma como o corpo negro desconstruirá os estereótipos por meio da representatividade; o segundo trata do lugar de enunciação das personagens que povoam a obra, em sua maioria composta por excluídos da sociedade; já o terceiro está relacionado ao recurso estético, ou seja, à forma como as experiências do autor serão utilizadas na obra para sensibilizar o leitor. Nas passagens a seguir é possível comprovar essa tríade que compõe a *escrevivência*, pois as autoras performam o corpo-condição-experiência, não apenas ligado a uma representatividade com o intuito de desconstruir estereótipos, mas para denunciar a condição que as assola.

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, *op. cit.*, p. 40-41).

Estou indignada. Uma jovem da minha terra me contou coisas sobre a sua vida na casa onde trabalha que jurei verificar. [...] meus empregadores estão incomodados porque claramente não sou uma recém-chegada; [...] Eles não podem, sem mais nem menos, me chamar de Marie ou Julie. Aliás, nem estão preocupados com isso: não me chamam de nome nenhum. Quinze dias se passaram e ninguém me perguntou como eu me chamava nem pediu a minha carteira de identidade [...] (Ega, *op. cit.*, p. 5).

De modo semelhante, Melo e Godoy afirmam: "O que veremos é que resistir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, a *escrevivência* se torna um recurso de emancipação" (2017, p. 1289). Carolina e Ega desejam a emancipação não só do corpo, mas também da condição financeira, como expresso nos trechos a seguir: "É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela." (Jesus, *op. cit.*, p. 33); já a autora martinicana faz outros planos com o dinheiro que será adquirido com a venda de seu livro: "Quando a gente tiver dinheiro suficiente, vamos visitar a avó de vocês!" (Ega, *op. cit.*, p. 113) e "Estou à espera dessa mudança" (Ega, *op. cit.*, p. 235). Corroborando com a discussão empreendida, Evaristo certifica que a gênese da *escrevivência* está pautada na emancipação do corpo negro, sobretudo o feminino:

Pensar a *Escrevivência* como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. [...] a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher

tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. [...] Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020a, p. 29-30).

Fica, portanto, evidenciado que a noção de *escrivivência*, em sua origem, é fundamentada na figura feminina como contra-argumento ao sistema escravagista, em que a mulher não tinha nenhum poder de palavra. Esse termo nasce com o intuito de dismantelar e desconstruir uma ideia incrustada há tempos no imaginário coletivo: que a mulher preta deve operar nas engrenagens da sociedade como um mecanismo de subserviência e submissão e jamais como produtora intelectual. Nas obras, as autoras deixam isso muito claro. Carolina relata que, embora as pessoas reconhecessem seu talento, o que a impedia de alcançar o sucesso era sua cor: “[...] Escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: — É uma pena você ser preta” (Jesus, *op.cit.*, p. 63-64). Do mesmo modo, a autora martinicana foi diversas vezes subestimada ao compartilhar seu sonho de tornar-se escritora: “Timidamente, eu disse para quem estava ao meu redor: ‘Estou escrevendo um livro’. Riram de mim. [...] Aos risos, me disseram: ‘Cuide das suas crias’. Houve quem, por pena, levasse a mão à testa” (Ega, *op. cit.*, p. 8). Em outra passagem a autora acrescenta a falta de apoio advindo de sua própria família:

Enquanto escrevia as últimas frases, Carolina, encostada na máquina de lavar (é preciso encontrar um cantinho tranquilo), meu marido, desanimado, disse que o que eu escrevia seria um fiasco, [...] Logo depois, comentou que eu folheio meu dicionário com muita frequência; segundo ele, os romancistas não necessitam de dicionário. Maldosamente, acrescentou: ‘Sua papelada é um papelão, um mamoeiro macho! Flores ao vento! Nunca dará frutos! Você tem que falar sobre lanchonetes e piscinas! Garotas bronzeadas tomando banho nas praias, as pessoas adoram isso! Quem vai se interessar por histórias de negros?’. Eu poderia ter desanimado. Mas, Carolina, vejo você escrevendo à luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, me debruço então sobre uma nova página e a encho de realidade (*op. cit.*, p. 33).

O que podemos notar é que escrever é um ato que fornece a essas mulheres a possibilidade de contar histórias não mais para o entretenimento dos brancos, mas para denunciar o que foi feito com a comunidade afrodiáspórica; é através dessas histórias, até então

silenciadas, que a *escrevivência* vai revelar aquilo que a cultura dominante sempre tentou esconder ou fingia não ver, isto é, uma realidade de sofrimento e inúmeras privações.

Ega por meio de sua obra descreve as condições precárias de trabalho e a falta de humanidade que os europeus tinham para com os imigrantes, segundo suas observações pessoais: “Vou substituir a Renée no trabalho, ela vai tirar o apêndice. [...] Perguntei [...] se seus empregadores estavam cientes do seu problema. Ela respondeu que a patroa constantemente lhe repetia que não pagara a viagem [...] para vê-la doente” (Ega, *op. cit.*, p. 133). Sensibilizada com a situação de sua conterrânea, Ega propõe substituí-la enquanto sua amiga se recupera da cirurgia em uma casa de repouso, entretanto, a resposta aumenta ainda mais sua inquietação: “Não poderei ir para lugar nenhum repousar, foi a patroa que disse! A senhora não fica na casa o suficiente! Quatro horas são muito pouco para ela! Olha eu, que me levantava às sete da manhã e ia dormir quase à meia-noite” (Ega, *op. cit.*, p. 135). Ega fica indignada com a falta de empatia e expressa sua reação face à objetificação do ser humano: “[...] ela estava ciente de como era grave o estado da menina martinicana encalhada ali, na sua casa! E mesmo assim se mantinha contra qualquer princípio de humanidade [...]” (Ega, *op. cit.*, p. 136).

Do mesmo modo, Carolina nos mostra como é viver em um ambiente hostil, a exemplo das ameaças que sofrera por imprimir em seu livro as coisas que aconteciam no lugar onde vivia: “Tomei o ônibus e quando cheguei no ponto final a jornaleira disse que as negrinhas da favela havia me chingado, que eu estava desmoralizando a favela. [...] — Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter.” (Jesus, *op. cit.*, p. 158-159).

Segundo Evaristo (*op. cit.*), a noção de *escrevivência* não compreende apenas a junção das palavras ‘escrita’ e ‘vivência’, mas refere-se a uma narrativa que abarca a vida, sobretudo dos excluídos, descrevendo-os tal qual se manifestam, não se limitando a contar histórias que expressam a complexidade do que fora vivido, mas manifestando uma insubordinação, uma revolta dos deslocados, como afirma Jesus (*op. cit.*, p. 165) neste trecho: “[...] Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior”.

Embora Carolina e Ega escrevessem em primeira pessoa, suas obras não podem ser lidas apenas sob a perspectiva da escrita de si, pois em vários trechos ambas escrevem na primeira pessoa do plural, passando de um “tenho vontade de morrer” a um “somos uns infelizes”, a exemplo do trecho supracitado, coletivizando a experiência e transcendendo a escrita de si, não

retratando somente suas vidas, mas todos de sua circunjunção. Tais aspectos nos permitem afirmar que essas narrativas dão novos significados às vivências dos que historicamente foram relegados às margens.

[...] a Escrivência extrapola os sentidos da escrita de si [...] Creio que o conceito de escrita de si, assim como o da autoficção, não explica a construção da narrativa ali apresentada. Não é um livro em que a autora se debruça somente sobre a sua própria história e faz um texto que esgota em si própria. O texto está impregnado da história de uma coletividade (Evaristo, *op. cit.*, p. 39).

Entende-se, portanto, que ao relatar episódios próximos de sua vida, o autor usa essa *escrevivência* para condenar não apenas o que acontece consigo, mas também com sua comunidade, a exemplo de Ega (*op. cit.*, p. 40): “No entanto, Carolina, sou uma pessoa privilegiada, quando deixar a patroa [...] tenho um abrigo, uma família à minha espera [...] lamento as antilhanas que são forçadas a ficar vinte e quatro horas por dia com essas lunáticas [...]”.

Na visão de Brito (*op. cit.*, p. 94), “O poeta em primeira pessoa ecoa entretanto uma voz universal, coletiva, do negro enquanto povo e raça, enquanto condição de vários”, fato que pode ser observado desde a primeira página do livro *Quarto de despejo*, momento em que a autora, invocando a voz universal, fala das dificuldades enfrentadas por todos, dando voz aos que se encontram, recorrentemente, em condições precárias: “Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (Jesus, *op. cit.*, p. 19).

É importante salientar que por mais que o narrador seja autodiegético, tendo a produção literária centrada na pessoa que escreve, esta pode representar “o grito de um eu que vocaliza o nós que nunca teve oportunidade de falar”<sup>16</sup>, isto é, as autoras verbalizam o que outras Carolinas e Egas não conseguem verbalizar, como podemos observar no trecho a seguir: “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros” (Jesus, *op. cit.*, p. 40). É através da *escrevivência* que o escritor denunciará não apenas as condições que o assolam cotidianamente, como também retratará o que ocorre com os demais. Campello (*op. cit.*) menciona que a autora brasileira

categoria suas observações sobre o cotidiano [...], observa os habitantes da favela, avalia os discursos dos políticos, dos religiosos e dos moradores das “casas de alvenaria”. São análises baseadas não em teorias acadêmicas, mas nas próprias vivências. [já a autora antilhana] [...] ancora-se [...] em suas observações sobre si

<sup>16</sup> Proferiu Conceição Evaristo em um minicurso sobre *Escrevivência* e Educação Literária, promovido pela Universidade de São Paulo (USP), em outubro de 2022.

mesma e sobre as experiências de outras mulheres negras que ela observa, compondo o diário de si, mas também o seu diário de campo, numa lógica da antropologia invertida (p. 102-103).

Como podemos observar, tanto Jesus quanto Ega empreendem-se na escrita fazendo denúncias sociais, ecoando através de sua voz a condição de vários. Considerando o exposto, é interessante notar que Ega, na tessitura de seu texto, relata a partir de suas observações e experiências pessoais o que suas conterrâneas enfrentavam na França. Ela denuncia os maus tratos sofridos pelas mulheres negras ao se submeterem ao trabalho doméstico, como no trecho a seguir: “Aqui não temos o direito de beber um copo de água, uma faxineira não pode ficar com sede, não pode ter nenhuma necessidade natural, perderia cinco minutos” (Ega, *op. cit.*, p. 36). Além de abordar o racismo e o trabalho extremo, Ega conta a história de dentro para fora, analisando toda a situação e desnudando a desumanização com que as empregadas eram tratadas pelas patroas, como no relato a seguir, do qual foi a protagonista: “[...] a partir do momento em que [a patroa] soube que determinada marca de detergente em pó descascava os meus dedos, ela comprou uma caixa inteira!” (Ega, *op. cit.*, p. 39). Nesse mesmo sentido, Carolina constrói sua narrativa, detalhando a amarga realidade dos favelados que convivem diariamente com o vazio... no estômago:

[...] Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: — Olha o pão doce, que está na hora do café! Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. Todas as famílias que residem na favela tem filhos. [...] Havia pessoas que nos visitava e dizia: — Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. [...] Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa (Jesus, *op. cit.*, p. 39).

De modo semelhante à escrita de Jesus, Ega vocaliza o sofrimento de uma conterrânea que, aos prantos, revela ser mãe solo e ter vindo para a França em busca de uma melhor qualidade de vida para seus filhos, que ficaram com sua mãe em seu país; entretanto, confessa estar sendo explorada pela patroa:

‘Uma patroa pagou a minha viagem! Preciso reembolsar cento e cinquenta francos por mês. Ganho duzentos e vinte. Sobram setenta para o dia a dia. Tenho dois filhos lá na minha terra, lá eu trabalhava como atendente num bar, não sou casada, sabe como são essas coisas! Eu vim tentar mandar dinheiro para a minha mãe, para criar os meninos, mas tenho que ficar oito meses antes de enviar. Estive na cidade duas vezes e me roubaram setenta francos. [...] Não via a França desse modo! Além disso, olha como eu trabalho! Até as dez da noite! Me levanto às seis da manhã, nem tenho tempo de comer!’ (*op. cit.*, p. 9).

É por meio dessas narrativas que conseguimos compreender certas realidades e temáticas, uma vez que as autoras constroem seu fazer poético a partir das vivências de um povo que sempre teve suas vidas marcadas pelas dificuldades. Carolina usa seu texto para pontuar os problemas sociais que atingiam todas as pessoas de sua época, como a proscricção dos pobres dos grandes centros, a mesquinhez do ser humano em deixar comidas apodrecerem, enquanto o alto preço dos alimentos faziam as pessoas revirarem os lixos em busca de alimentos:

[...] Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: ‘Quem escreve isto é louco’. Mas quem passa fome há de dizer: — Muito bem, Carolina. Os generos alimenticios deve ser ao alcance de todos. Como é horrivel ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cerebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais (Jesus, *op. cit.*, p. 42).

[...] Hoje eu fiz arroz e feijão e fritei ovos. Que alegria! Ao escrever isto vão pensar que no Brasil não há o que comer. Nós temos. Só que os preços nos impossibilita de adquirir. Temos bacalhau nas vendas que ficam anos e anos a espera de compradores. As moscas sujam o bacalhau. Então o bacalhau apodrece e os atacadistas jogam no lixo, e jogam creolina para o pobre não catar e comer (Jesus, *op. cit.*, p. 140-141).

Diferentemente de Jesus, Ega entende que suas vivências são insuficientes ao seu propósito de denúncia e decide, portanto, empreender experiências que lhe fornecerão materiais para seu texto. Nesse momento, calça os sapatos alheios para sentir na pele o percurso feito pelas moças que sonhavam em vir para a França em busca de uma vida melhor, mas eram submetidas à trabalhos análogos à escravidão.

[...] há quem tire a sorte grande e vá parar na casa de pessoas cheias de dignidade e humanidade. Há outras, e são a maioria, que se dobram ao jugo. Esta aqui me conta como, sob pena de sanção, é forçada a limpar as roupas íntimas da dona da casa. Outra come de pé. Outra é levada a um chalé na montanha e obrigada a buscar água na fonte, a qual encontra apenas depois de remover a neve com picareta. Meu marido resmungou: eu deveria ter ficado em casa. ‘Por que engrossar as fileiras desse gado humano?’, ele disse. É bem simples: nunca poderei falar sobre isso com conhecimento de causa se não souber do que se trata. Foi assim que voltei aos gestos ancestrais, Carolina, somos do mesmo calibre, e o trabalho não me assusta (Ega, *op. cit.*, p. 10).

Se ficar em casa, jamais poderei ver até onde a estupidez humana pode ir. [...] ando de um lado para outro entre o fedor das meias, da cera de assoalho e dos produtos para remover odores; entre livros que nem sequer teremos tempo para ler [...] O mais penoso para uma faxineira, eu acho, é o cheiro da vida dos outros (Ega, [11-], *passim*).

No pátio, seis andares abaixo, um tanque dormia em paz, a patroa olhou para os meus sessenta e oito quilos e queria que eu fizesse vaivéns entre o apartamento e o tanque, bacia de roupa debaixo dos braços! Nunca quando o patrão está lá. Eu poderia ter ido embora, mas, se saio, jamais vou saber até que ponto uma patroa pode ir diante de uma empregada negra. É melhor que seja eu quem constate isso, especialmente porque



à noite, ao chegar em casa, posso cair na gargalhada com a minha família (Ega, *op. cit.*, p. 35).

Da mesma forma, Ega relata a condição vivida por Yolande, uma antilhana contratada como uma empregada faz-tudo, encontrada trabalhando doente em uma horta, enquanto a família viajava de férias. Ega afirma que ela tinha medo de reivindicar seus direitos e, por isso, suportava aquelas condições desumanas, trabalhando doente e sem ir ao médico, já que não estava sequer inscrita no sistema de seguridade social. Ega questiona o motivo de Yolande não mais visitá-la e ela lhe responde que a patroa disse que o convívio com Ega, a estava tornando muito exigente. Indignada com as palavras de sua amiga, Ega a aconselha procurar um outro emprego, mas Yolande afirmara que devia reembolsar a viagem. Ega escreve para Carolina descrevendo o medo que Yolande tinha das pessoas, da mesma forma em que relata o encontro com a empregadora de sua amiga.

Yolande tinha medo das pessoas, medo da sua sombra, medo dos brancos, como nos áureos tempos da escravidão. Carolina, minha velha amiga, encontrei a patroa da Yolande, uma ruiva salpicada de pontinhos de chocolate, uma verdadeira onça-pintada! Fui logo dizendo: — Senhora, vim buscar a Yolande para levá-la a um médico; me passe a inscrição dela no sistema de seguridade social. Ela respondeu: — Está em andamento! Mas posso chamar o médico da minha família. — Não, o médico que ela escolher! Ela não pode viver com setenta francos por mês; ela tem dois filhos que estão morrendo de fome lá de onde ela veio. Vai ser assim ainda por muito tempo? A inspeção do trabalho vale para ela também, a senhora sabe disso! — O que é isso! Por que a senhora está se metendo onde não foi chamada? Além do mais, quem é a senhora? Respondi: — Uma negra indignada, não dá para ver? Por acaso a Yolande veio a sua casa para cuidar da horta? Onde a senhora aprendeu esse tipo de coisa? Aliás, as mulheres europeias não aprendem esse tipo de coisa; o instinto de dominação desperta quando elas encontram um elemento que lhes convém (Ega, *op. cit.*, p. 16).

Como vimos anteriormente, a *escrevivência* permite ao autor narrar suas experiências a partir de suas vivências, podendo abarcar tanto suas próprias vivências quanto as coletivas, precisamente o que fazem as autoras Jesus e Ega. Com o passar dos anos, a noção do termo se expandiu, e hoje a *escrevivência* pode ser compreendida como a conexão entre a literatura e a vivência, uma literatura imbricada com a vida, com as experiências, ligada ao lugar que o autor ocupa; como afirma Evaristo (2020b), é uma escrita que também pode realizada com o corpo, isto é, através do ‘movimento-grafia’. Assim, essa escrita surgida da experiência possibilita a contestação dos discursos racistas que ecoam até hoje em nossa sociedade, tendo em vista que confere voz a personagens que raras vezes tiveram espaço na literatura.

Ademais, a *escrevivência* pode ser um meio de legitimação de escritores, em princípio, marginalizados, uma vez que confronta os discursos dominantes e apresenta um caráter subversivo em sua linguagem, desafiando as normas linguísticas estabelecidas. Entende-se por

literatura marginal obras ou autores que geralmente encontram-se excluídos do cânone por se oporem às culturas literárias dominantes. A "definição desse termo na literatura, está ligada a escritores considerados à margem do circuito editorial, à subversão do poder acadêmico e linguístico e à representação das classes desfavorecidas" (Eble e Lamar, 2015, p.194).

Por esse motivo, a *escrivivência* tem sido um marco da escrita negra contemporânea, uma vez que ela permite a leitura de obras com um forte e recorrente potencial de denúncia, possibilitando aos leitores um olhar mais sensível para o mundo. Alguns autores negros já fizeram uma avaliação de que a escrita é a única arma encontrada para denunciar o que foi feito com eles. A exemplo disso, a autora senegalesa Mariama Bâ revelou que: "os livros são uma arma, talvez uma arma pacífica, mas mesmo assim uma arma"<sup>17</sup> (1980, p. 214 *apud* d'Almeida et Hamou, 1991, p. 45). Deste modo, podemos compreender que *Quarto de despejo* e *Cartas a uma negra* são escritos que podem ser vistos como armas, uma vez que desempenham um importante papel na subversão dos discursos dominantes, pois explicitam histórias de povos subjugados e subalternizados, além de permitir às escritoras legitimar seu próprio lugar de enunciação.

### **Considerações finais.**

Ao longo da produção deste artigo, constatou-se que a literatura tida como marginal exerce um grande impacto na representatividade, pois ela surge da realidade social em que estão inseridas e se debruçam sobre a denúncia da desigualdade social, incorporando em seus textos a força e a resiliência dos indivíduos diante das adversidades que lhe são impostas. São obras que possuem uma expressão autêntica, isto é, trata-se de uma escrita que escreve sobre o "outro" não conforme uma perspectiva do poder hegemônico, retratando as histórias sob o olhar dos subalternos. Destacando a omissão de fala, Dalcastagnè afirma que:

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde (2011, p. 33).

Como vimos, as obras de Jesus e Ega evidenciam essas perspectivas de interesses sociais, evocam e discutem temáticas que são imbuídas de uma forte crítica política, e possibilitam, por esse motivo, o ecoar de vozes por muitos anos silenciadas. Seus textos são,

---

<sup>17</sup> No original: « les livres sont une arme, une arme pacifique peut-être, mais une arme tout de même »

para além da emancipação “corpo-sujeito que busca o seu próprio pertencimento” (Brito, *op. cit.*, p. 89), denúncias reiteradas sobre as condições de vida dos invisíveis da sociedade. Talvez essa seja uma das razões pelas quais não temos autores dessas margens no palmarés do panteão canônico, pois verbalizam o que a hegemonia não quer ouvir.

É importante ressaltar que muitas seriam as perspectivas de análise de *Quarto de despejo* e *Cartas a uma negra*, considerando a riqueza semiótica dos textos, a estética emanada de um discurso contra hegemônico ou a questão de suas legitimações. No entanto, pareceu-nos mais apropriado abordá-los sob o ponto de vista de uma literatura que desempenha uma função social, visto que, desde as primeiras leituras o transbordamento da experiência pessoal, inserida em gêneros que denotam a escrita de si, tornou-se muito evidente. Na esteira dessas impressões, a noção de *escrivivência* instalou-se como um suporte teórico apropriado à leitura e análise de ambas, visto que as experiências pessoais das autoras, guardadas as devidas diferenças e o oceano que as separa, apontavam para um horizonte comum: a nítida expressão de experiências coletivas e o forte desejo de denunciar as mazelas cotidianas dos que ocupam o “quarto de despejo” das sociedades organizadas, aqueles que são sistematicamente removidos das “salas de jantar” e dos “jardins” das metrópoles em benefício de um sistema altamente excludente.

Discutir essas questões em um momento de finalização de minha formação significa levar para a minha atuação profissional o questionamento, a indignação que provoca reflexões e movimentos muito necessários à carreira que agora se inicia. Penso hoje em demandas sociais e estéticas que possam guiar minha jornada e futuras pesquisas. Penso ainda na inquietação que nos pode ser trazida pelos estudos literários e penso, sobretudo na questão: se essas autoras, que não tiveram a oportunidade de desenvolver seus estudos, conseguiram produzir escritas com tamanha acuidade social e política, o que poderíamos esperar se tivessem tido os mesmos privilégios que escritores renomados?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Seuil, 1973.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. 152f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1996.

CAMPELLO, Maria Clara Braga Machado. *Meu pranto, seu canto: correspondências possíveis entre as obras de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega*. 2022. 420 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CARNEIRO, Vinícius; MACHADO, Maria-Clara. Tão longe, tão perto. In: EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. São Paulo: Todavia, 2021, p. 237-252.

DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 33–77, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8925>. Acesso em: 05 jan. 2024.

D'ALMEIDA, Irène Assiba; HAMOU, Sion. L'écriture féminine en Afrique noire francophone : le temps du miroir. *Études littéraires*, Laval, v. 24, n. 2, p. 41-50, 1991. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/etudlitt/1991-v24-n2-etudlitt2245/5009666ar/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

DANTAS, Audálio. *Tempos de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Leya, 2012.

DOUBROVSKY, Serge. *L'autofiction dans le collimateur*. Autofiction.org, 2013. Disponível em: <http://www.autofiction.org/index.php?post/2013/05/23/Serge-Doubrovsky>. Acesso em: 20 jan. 2024.

EGA, Françoise. *Lettres à une Noire : récit antillais*. Montréal : Lux éditeur, 2021.

EGA, Françoise. *Cartas a Uma Negra: narrativa antilhana*. Trad. de Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/ periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. *Revista Especiaria – caderno de Ciências Humanas*, v.16, n. 27, p. 193-212, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126>. Acesso em: 16 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b, p. 48-54.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares de. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, jan./abr. 2013, p. 210-235. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/LJBz4P3sqLrM4ss4sNQJZSG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GASPARINI, Philippe. Autofiction vs autobiographie. *Tangence*, n. 97, p. 11-24, 2011. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/tce/2011-n97-tce094/1009126ar.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

JESUS, Carolina Maria de, 1917-1977. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020). 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

KRISTEVA, Julia. *Sèméiôtikè: Recherches pour une sémanalyse*. Paris, Seuil, 1969.

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MELO, Henrique F.; GODOY, Maria C. (Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. In: V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. *Simpósio 3 – Literatura em trânsito: em viagem à casa do outro*, 2017. Anais. Lecce: Università del Salento, pp. 1285-1304. Disponível em: <http://siba--ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17900/15252>. Acesso em: 15 dez. 2023.

OLIVEIRA, Luiz H. S. de. “Escrevivências”: rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, v. 17, n. 2, p. 85–94, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxxa/article/view/25008>. Acesso em: 9 jan. 2024.

OLIVEIRA, Larissa E. da S. R. de; ALMEIDA, Lucélia de S. Cartas a uma negra que se desenvolve a partir do olhar sobre quarto de despejo. *Fólio - Revista de Letras*, [S. l.], v. 14, n. 1, 2022, p. 483-501. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/10924>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SIQUEIRA, Samanta Vitória; LUCENA, Karina de Castilhos. Aquela que não diz à sombra: biografia e obra da escritora martinicana Françoise Ega. *Caligrama*, Belo Horizonte, v.25, n. 3, p. 57-75, 2020.